

“Não sou apenas *festeira*”

A nova diretora da Fundação quer manter o clima mas garante projetos de base a longo prazo

GERALDINHO VIEIRA
Editor do Caderno 2

A nova diretora da Fundação Cultural — com posse prevista para o início da semana — tem 38 anos, nasceu em Araxá (MG), circula com desenvoltura entre artistas, políticos e empresários das esferas local e Federal. Maria Luíza Dornas Ramos é viúva do primeiro casamento e casada pela segunda vez com o agropecuarista Sérgio Henrique Ewdank. Tem uma filha do primeiro casamento, hoje irmã dos dois filhos que vieram do casamento anterior de Sérgio Henrique.

Formada em Educação Artística pela UnB trabalhou como recepcionista na Fundação Cultural na gestão de Rui Pereira da Silva, quando Wladimir Murtinho era secretário de Educação. Não tem livro de cabeceira mas achou engraçado um presente recente — *Mulher Madura*. É apaixonada pelo cinema brasileiro. Fez carreira na Fundação Cultural onde tocou o barco de um de seus mais populares projetos — o *Projeto Platéia*, até hoje lembrado pelo público das cidades-satélites — e trabalhou ainda na Embrafilme, um perfil de claras preocupações com as cidades-satélites (carro-chefe do governo Roriz) e com o cinema brasileiro (outra aposta da equipe Roriz).

Jornal de Brasília — **Sempre que se fala em política cultural que prestigie as cidades-satélites chovem projetos que se limitam a levar arte e artistas às cidades, mas muito pouco se faz no sentido de se criar espaço e clima para que surjam valores das próprias cidades, humanos e estéticos. Como é que você pretende trabalhar com as satélites?**

Luíza Dornas — A Secretaria de Serviços Sociais, a Secretaria do Trabalho e a Fundação Educacional serão nossos mais importantes parceiros neste trabalho. Temos que criar oficinas de base: sempre que, durante a época do *Projeto Platéia*, fazíamos algo semelhante ao que pensamos como oficinas de base, o resultado era surpreendente. Era por aí que o *Platéia* deveria ter continuado, ao invés de ficar enchendo as salas e praças com eventos. Durante o processo de transição conversei com a Maria do Barro (nenhuma de nós sabia que iria ocupar qualquer tipo de cargo), e nossas idéias neste sentido batem nos mesmos pontos: existem grupos de meninos, de idosos, de donas-de-casa — grupos já organizados — muito interessados em participar de um trabalho que transcenda a assistência social.

— **Existem pelo menos dois problemas sérios relacionados às cidades-satélites: um refere-se à Casa do Cantador (que rompeu convênio com a FCDF e proibiu a participação de grupos que não fossem de cordelistas e/ou repentinistas); e outro diz respeito à gestão do Cine Itapoã (um próprio do governo administrado como se fosse de um cinema puramente comercial). Como você pretende encerrar estes problemas?**

— Conheço bem o caso do Cine Itapoã, pois trabalhava na Embrafilme quando foi feito o convênio, e à época fui uma das pessoas a favor do projeto. O Itapoã precisa ser repensado, pois a idéia, de fato, não era deixá-lo ser um cinema comercial, e sim fazer ali um espaço mais aberto à comunidade, sem grupos que comandassem qualquer tipo de monopólio.

— **Há um contrato que dá à atual administração do Itapoã algo em torno de mais dez anos de uso do espaço, a preço de banana.**

Tudo pode ser revisto, porque as razões do convênio têm que ser cumpridas. A comunidade é quem deve gerir o espaço, influenciando em sua programação e até realizando eleições periódicas para a liderança. Temos que abrir e aproveitar espaços já existentes no Gama (ginásios, auditórios, etc) e fazer com que o Itapoã funcione mais como uma Casa de



Luíza Dornas no lugar de Sônia Moura não quer mais seminários e conversa jogada fora: “A cidade já sabe o que quer”

Cultura, nos moldes como hoje vemos uma Casa de Cultura. Se depender de mim vamos rever essa situação que satisfaz apenas a um grupo muito limitado de pessoas e interesses. O pessoal do Cine Clube Porta Aberta, que administra o Itapoã, é brilhante e trabalhador... não haverá dificuldade.

— **E a Casa do Cantador?**

— Não conheço bem o processo, mas sei que conversando a gente se entende. Trata-se de um espaço extremamente útil para a Ceilândia, é a casa dos cantadores mas não pode ser só deles.

— **Na última edição do Festival de Música Popular do Gama ficou evidente um apoio muito tímido e barato da parte da FCDF, que estava apostando todas as suas verbas no Festival de Cinema, no Salão de Artes e, enfim, noutras prioridades. Não é um festival que, até por sua tradição, deveria merecer olhos mais atentos por parte do Governo?**

— Vi este Festival nascer, fui jurada duas vezes. É um exemplo de trabalho nascido no próprio Gama e que hoje tem repercussão em todo o Distrito Federal. Acredito que este ano o Festival deva fazer parte do calendário oficial de programações da Fundação Cultural, com todo o apoio que for possível. Os projetos nascidos na cidade e que fazem mesmo um perfil do ato criativo da cidade, como o Projeto Cabeças e outros, devem merecer mais atenção.

— **A Fundação, com tanta gente pedindo e necessitando apoio, não corre o risco de fazer uma política de distribuição de gorjetas?**

— Os critérios de apoio devem ser muito bem pensados. Durante a última gestão do secretário Márcio Cotrim — e para usar uma expressão dele — a Secretaria trocou os pneus com o carro andando, para um trabalho urgente de recuperação da credibilidade e do espaço político e social da Cultura. Agora, através dos Conselhos Deliberativo e de Cultura, precisamos saber que atividades a Secretaria e a FCDF vai apoiar com que

percentagens de recursos, com que espécies de concorrências públicas. Até a ajuda de material gráfico deve ser mais criteriosa.

— **As gerências específicas (teatro, artes plásticas, música, etc) serão mantidas na sua estrutura de Fundação Cultural?**

— É preciso descentralizar as atuais ocupações da diretoria executiva da Fundação. Depois de convidada para a FCDF não tive tempo de conversar detalhadamente com o se-

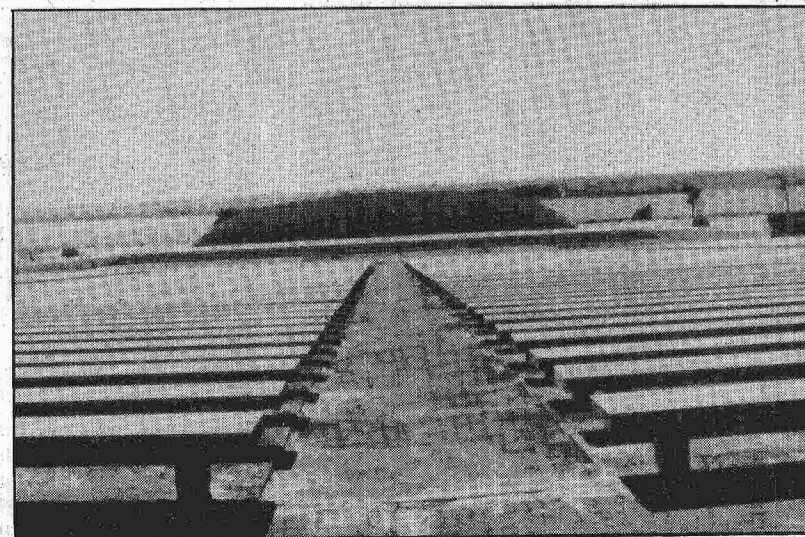
cretário, mas antes disso, com ele e com a Sônia Moura, já vínhamos conversando sobre as mudanças necessárias na estrutura da Fundação. As gerências são fundamentais, as relações de trabalho com a Fundação Educacional devem ser melhor estudadas e mais aprofundadas, assim como as relações com a UnB. O Departamento de Promoções precisa crescer em tamanho e em grupo de atividades, deve promover e produzir. Eu acho que a Fundação tem con-

Antonio Cunha



Na ex-sala Funarte deverá se instalar a Cinemateca Brasileira

Arquivo



A Concha Acústica ganha cerca para cobrança de ingressos

dições de produzir espetáculos, em todas as áreas, correndo riscos junto com os artistas. A idéia que tenho é enxugar ao máximo o setor administrativo da Fundação, imprimir maior agilidade e equipá-la, informatizá-la. E voltando às gerências, precisamos criar logo as gerências das satélites, com gente de cada cidade, com capacidade de articulação e capacidade administrativa. Não precisa ser necessariamente o líder cultural daquela satélite. É um dinamizador cultural.

— **Vai sair mesmo do papel a idéia de vir para Brasília o trabalho da Cinemateca Brasileira de São Paulo?**

— Vai funcionar no prédio da Funarte, que é do GDF. Toda a obra de restauração e adaptação da sala será bancada pela própria Cinemateca. Não sei quem é, mas o Carlos Augusto Calil já tem até o patrocinador. A obra deve começar tão logo seja acertado o convênio, coisa que acredito deve acontecer até o final deste mês ou início de fevereiro. Para as salas da administração da Ex-Funarte vamos transferir a biblioteca de arte da Fundação Cultural.

— **O outro lado da Esplanada: o Gran Circo Lar continua ou não onde está?**

— Falo agora a partir de uma opinião muito pessoal, não falo neste sentido como diretora da Fundação Cultural: o Circo é provisório. Não acho que deva ficar onde está. Agora deve ser reformado com urgência porque o Ginásio de Esportes está danificado e a reforma do Circo não é tão cara. Aí a gente tem tempo para pensar o que fazer.

— **Se Eric Clapton estivesse com agenda marcada para tocar na cidade o show seria cancelado em função do desabamento do teto do Ginásio?**

— Não. Temos o espaço do Pavilhão de Feira e Eventos no Parque da Cidade (dizem que a acústica do show do Chitãozinho e Xororó era ótima); temos os ginásios particulares com quem devemos fazer contatos; e, temos uma idéia, mesmo que para

situações provisórias, de cercar a Concha Acústica para utilização com cobrança de ingressos na época da seca. E há ainda o estádio.

— **Os funcionários da Fundação há muito tempo estão largados. Não fazem cursos de especialização ou atualização, trabalham com boa dose de insatisfação às vezes salarial, muitas vezes profissional e quase sempre com as duas. O que eles podem esperar da nova direção?**

— Em termos de salários os funcionários da FCDF estão ganhando de acordo com o quadro do GDF. Agora, precisamos dar novas oportunidades a quem já está na Fundação mas que hoje tem um curso superior ou habilidades técnicas que não estão sendo utilizadas; devemos também fazer um amplo levantamento das expectativas destes funcionários, para saber o que de fato fazer e o que gostariam de fazer ou de aprender. Precisamos fazer também um novo concurso, precisamos de mais gente. A Fundação tem uma rádio que, para você ter uma idéia, não tem o cargo de locutor.

— **A primeira gestão do secretário Márcio Cotrim foi estrategicamente uma gestão de eventos. Por sua vez, você é conhecida e respeitada por ser uma perfeccionista produtora também de eventos. Como é que fica a parte mais reflexiva do trabalho cultural, os trabalhos que só aparecem a longo prazo?**

— O papel do Conselho de Cultura vai ser fundamental para que a gente possa estabelecer este outro lado do trabalho. De qualquer maneira, este é o perfil que a cidade conhece do meu trabalho, exatamente porque é o lado que aparece. Mas tenho muita vivência no trabalho de base e no trabalho de processo, sobretudo adquirido quando trabalhei na Fundação Educacional. Com o tempo a cidade vai conhecer este outro lado: é um trabalho que só aparece quando também vira evento, enquanto produto final. Mas, repito, o Conselho de Cultura vai ser fundamental e a cidade nem sequer precisa fazer novos seminários: toda a cidade, e os Conselheiros representam bem a cidade, já sabe o que deve fazer e o que quer fazer. A hora é de fazer. De qualquer maneira, não vamos também nos descuidar dos eventos, o teatro vai continuar apinhado de espetáculos. Vou mostrar que não sou apenas “festeira”.

— **Vamos falar de um xodó seu, o Festival de Cinema. Alguma idéia para diferenciá-lo dos demais?**

— Há poucos dias, antes mesmo que eu soubesse que seria chamada para a FCDF, a Transbrasil me procurou para dizer que como diretora da FCDF eu já contasse com o patrocínio da empresa para o Festival. Sinal de que o Festival recuperou seu prestígio. O forte do Festival é a mostra competitiva e sou muito otimista com relação a termos seis novos filmes este ano. Acho que podemos pensar também numa mostra, competitiva ou paralela, do Cinema Latino-Americano. São idéias a serem pensadas. Ainda este mês quero definir a data do Festival e divulgar seu projeto. Com a idéia do Pólo de Cinema, o Festival pode se transformar numa grande reunião nacional de cineastas, inclusive com participação de artistas internacionais.

— **A iniciativa privada de Brasília já está sensibilizada para a importância do investimento na Cultura? Já tem consciência dessa importância?**

— Não sei se consciência... acho que o investimento vem pela vaidade. Na medida em que alguns empresários começam a aparecer dando apoio às atividades artísticas, e com isso ganham prestígio, votos — o que quer que seja —, outros empresários tão ricos e tão poderosos também começam a chegar perto.

□ **Como artistas e produtores reagem à indicação de Maria Luíza Dornas para a Fundação Cultural? Leia na página 3**